

Ilhéus e a música popular: considerações sobre a produção musical (1964-68)

Renato Pereira Silva¹
renatopereira87@hotmail.com

Na edição de quarta-feira do dia 03 de janeiro de 1968 do jornal *Diário da Tarde*, encontra-se a notícia intitulada “Começará pela revisão da legislação a reformulação da censura”². Nela comenta-se a reformulação e reestruturação do Departamento Federal de Censura, deflagradas, naquele período, pelo ministro da justiça Gama e Silva, para que ele ganhasse mais “flexibilidade”, julgando as “obras de arte segundo critérios puramente estéticos, eliminando o caráter político-policial” que predominava. Ainda na edição do mesmo dia 3 de janeiro divulga-se um fato ocorrido no Rio de Janeiro na solenidade de formatura da *Escola Normal Carmela Dutra*, onde o paraninfo, professor Dimas Joseph, é acompanhado durante seu discurso por um coral de professorandas que recitavam trechos de letras de músicas de Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil e Caetano Veloso. O professor “mandava brasa, falando da necessidade de desenvolver o País, e emancipá-lo e de fazer com que os jovens participem das decisões nacionais”³.

A primeira notícia demonstra uma incoerência, já que, foi após o ano de 1968, com o decreto do *Ato Institucional número 5*, que a atuação da censura se intensificou e atingia obras artísticas que demonstrassem críticas às questões políticas e sociais da sociedade brasileira da época. Essa “flexibilidade” que mudaria o julgamento das obras artísticas para critérios puramente estéticos não parece estar de acordo com o que aconteceu em relação às práticas do Departamento Federal de Censura durante a ditadura militar.

Na segunda notícia se verifica que os acontecimentos em relação a movimentos de resistência e de crítica a ordem instaurada pelo regime militar, até então, chegavam a Ilhéus e eram publicados. O fato das professorandas recitarem músicas de Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil e Caetano Veloso, explicita possivelmente a força das produções musicais como elementos combativos a ordem instaurada. A notícia destaca *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso, como umas das canções recitadas pelo coral: “caminhando contra o vento / sem lenço sem documento / no sol de quase dezembro / eu vou ...”⁴.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), sob orientação da Profª. Kátia Vinhático Pontes, Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

² *Diário da Tarde*, 03/01/1968, p. 2. Centro de Documentação e Memória Regional – CEDOC (UESC).

³ *Ibid*, 03/01/1968, p. 3. CEDOC.

⁴ *Ibid*.

O objetivo deste texto é realizar uma análise da produção musical na cidade de Ilhéus durante o regime militar, a partir da realização do *I Festival Regional da Canção* que ocorreu no ano de 1968. Propõe-se investigar como a imprensa através do jornal *Diário da Tarde* representou esse evento que resultou na gravação de um LP por seus organizadores, e como essas músicas produzidas se inseriam no contexto de instauração do regime militar no país entre os anos de 1964 a 1968.

Utiliza-se, provisoriamente neste trabalho, a definição de Marcos Napolitano para música popular:

Aquilo que hoje chamamos de música popular, em seu sentido mais amplo, e particularmente, o que chamamos 'canção' é um produto do século XX. Ao menos sua forma 'fonográfica', com seu padrão de 32 compassos, adaptado a um mercado urbano e intimamente ligada à busca de excitação corporal (música para dançar) e emocional (música para chorar, de dor ou alegria...)⁵

É essa música chamada popular, voltada para o mercado fonográfico que se pretende tomar como objeto de análise. A produção de um disco em 1968 de músicas regionais garante as bases para se compreender como os intérpretes e autores ilheenses expressaram suas idéias referentes aos temas e problemas político-sociais, regionais e/ou nacionais durante esse período. Verifica-se também, que as notícias do jornal impresso *Diário da Tarde* apresentam-se como fontes para perceber essas manifestações musicais durante o *I Festival Regional da Canção* de 1968.

A música popular produzida nesse período será alvo dos olhos atentos da ditadura militar, pois sua ação como elemento disseminador de idéias durante esse período será bastante relevante.

Vigiados com atenção pelo regime militar, a MPB, o samba e o rock acabaram formando uma espécie de frente ampla contra a ditadura, cada qual desenvolvendo um tipo de crítica, atitude e crônica social que forneceram referências diversas para a idéia de resistência cultural.⁶

Durante o regime militar, a música popular teve uma participação importante na luta contra a repressão e a restrição nos direitos civis dos brasileiros. Maika Carocha em seu artigo *A censura musical durante o regime militar (1964-1985)*, demonstra como a ação da censura musical estava ligada, segundo os militares, à preservação de um ideal, de moral e de bons costumes, preconizado para as famílias brasileiras, e como o caráter político encontrava-se também presente nessa ação, embora os censores de diversões públicas não se sentissem à

⁵ NAPOLITANO, Marcos. **História e música:** história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11.

⁶ CAROCHA, Maika Lois. A censura musical durante o regime militar (1964-1985). **História:** Questões & Debates. Curitiba, n. 44, p. 189-211, 2006. Editora UFPR. p. 191.

vontade de afirmar tal prática.

Foi durante a segunda metade da década de 1960 que através dos Festivais da Canção, a música ganhou destaque como elemento de protesto e crítica ao sistema político do regime militar. Em 1965 foi organizado pela TV Excelsior o *I Festival Nacional de Música Popular* no qual foi vencedora a canção *Arrastão* de Edu Lobo e Vinicius de Moraes, interpretada por Elis Regina. A partir dessa iniciativa pioneira inaugurou-se o “ciclo de festivais de canção”. No Ano posterior a TV Record superou a expectativa de público e consagrou um novo panteão de cantores com o *II Festival de MPB* cujas músicas vencedoras foram: *A Banda* de Chico Buarque de Holanda, interpretada por Nara Leão; e *Disparada* com letra de Geraldo Vandré e música de Theo de Barros, interpretada por Jair Rodrigues. No *III Festival de MPB* da Record no ano de 1967 se destacaram cantores como Edu Lobo, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Nara Leão, Chico Buarque de Holanda e houve a predominância da música politicamente engajada.⁷

No ano seguinte, em 1968 foi organizado na cidade de Ilhéus por Walter Matos e Juarez Oliveira, radialistas da *Rádio Santa Cruz de Ilhéus* e criadores da empresa intitulada JUWAL, pela fusão das iniciais de seus nomes, o *I Festival Regional da Canção*. Dois fatores influenciaram a organização desse festival: em primeiro lugar, a influência dos Festivais da Canção que ocorriam na região sudeste do país, desde 1965, organizados pela TV Excelsior e, posteriormente, pela TV Record; e, em segundo lugar, a busca de um negócio que fosse rentável

As inscrições para o festival foram gratuitas e podiam ser realizadas na *Rádio Santa Cruz*. Para se inscrever eram necessárias 03 (três) cópias da letra e 01 (uma) gravação da canção em fita cassete. Conseguiu-se por parte da Prefeitura Municipal de Ilhéus a divulgação do festival no *Diário Oficial* do município, contando-se, também, “com a divulgação através de rádios locais e de outras cidades vizinhas, de carros de som e sistemas de auto-falante espalhados por toda a cidade e região e com a cobertura dada pelo *Diário da Tarde*, durante todo o evento.”⁸

A década de 1960 na cidade de Ilhéus foi um período de desenvolvimento regional. Foram construídos o primeiro porto de mar aberto da América Latina, a ponte Ilhéus-Pontal, Faculdade de Sociologia e Política e a Faculdade de Direito. O *I Festival Regional da Canção*

⁷ NAPOLITANO, Marcos. Os Festivais da Canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968). In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patt Sá. (orgs.) **O Golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)**. Bauru-SP, EDUSC, 2004. p. 203-216.

⁸ DIAS, Polyana da Rocha. **Ilhéus na Era dos festivais: Reflexões acerca da indústria fonográfica e da música local**. Ilhéus, 2005. 50 f. Monografia (Graduação) - Universidade Estadual de Santa Cruz. Colegiado de Comunicação Social em Habilitação em Rádio e TV.

aparece então, num momento oportuno de valorização da cultura regional e vai ganhar destaque como assunto em pauta nas conversas cotidianas durante o mês de sua realização.

Foram inscritas no festival 130 canções, e após a primeira seleção, apenas 30 delas passaram para a fase classificatória. Dessas 30 canções, 15 foram apresentadas no sábado, dia 07 de dezembro, e as outras 15 foram apresentadas no sábado posterior, dia 14. No domingo do dia 22 de dezembro, 12 canções selecionadas das etapas anteriores se apresentaram na final. Todas as etapas do festival ocorreram no ginásio de esportes *Herval Soledade* localizado na Avenida Canavieiras, perímetro central da cidade.⁹

Durante o mês de dezembro do ano de 1968 foram noticiadas as três etapas do Festival no *Diário da Tarde*. Na terça-feira, dia 10 de dezembro, comenta-se a repercussão da primeira parte ocorrida no dia 07, o sábado anterior.

Confessamos, surpresos, que as composições apresentadas, ultrapassaram tôdas as nossas melhores expectativas. Gente jovem, gente de espírito jovem, trabalhando com entusiasmo, em prol do enriquecimento intelectual da nossa região. Quanto à organização do espetáculo, infelizmente, não correspondeu, à beleza das músicas e o bom desempenho dos intérpretes.¹⁰

Nota-se a expressividade que teve a primeira parte do festival, caracterizando-se como uma surpresa que mobilizou a juventude em prol do desenvolvimento intelectual regional. No entanto, é feita uma crítica à organização do evento, destacando-se o processo seletivo para a classificação das 12 canções finalistas. O colunista refere-se ao descontentamento pelo fato das 12 finalistas somente serem classificadas na apresentação do sábado posterior.

A verdade é que a improvisação e o critério discutido, para seleção, criado pelos promotores do festival desafinou sensivelmente, em relação ao nível das canções que foram ouvidas pelo pequeno público, que ali compareceu. E êsse critério, acreditamos até, vai prejudicar, em parte, o julgamento da comissão. Isto porque, apesar de já haverem sido apresentadas 15 composições, somente serão classificadas as doze finalistas, no próximo sábado, quando serão apresentadas apenas, as outras quinze composições musicais.¹¹

Mas apesar dos problemas citados nessa primeira etapa do evento, o colunista do jornal destaca a importância desse acontecimento como “semente” para iniciativas posteriores na região, e, também, aponta as músicas que se destacaram nessa apresentação do dia 07 de dezembro.

Todavia, tudo isso é compreensivo, quando se trata de um trabalho difícil e espinhoso como é o caso de preparar e organizar um festival musical, levando-se em conta, ainda, o caráter regional, como o caso presente. O importante é que a semente está plantada, muito bem plantada por sinal. E acreditamos sinceramente que a segunda parte, será melhor ainda, do que a primeira.

⁹ *Diário da Tarde*, dias 10, 17 e 21 de dezembro de 1968. CEDOC.

¹⁰ *Ibid.* 10/12/1968, p. 4. CEDOC.

¹¹ *Ibid.*

Quanto às canções apresentadas, destacamos ‘O Seresteiro’ – de Edmundo Câmara e Waldique Ferreira, a ‘Estrada’, de Mauro, Wandique; ‘Eu Prefiro Cantar’ Francisco Lima Santos, ‘Minhas Praias’, de Anesio Ribeiro, ‘Hino da Juventude Brasileira’, ‘Presente de Iemanjá’, ‘Rancho do Sonho’ etc. – C.¹²

Ainda na edição da terça-feira do dia 10 de dezembro de 1968, Waldeny Andrade escreve na sua coluna intitulada *CACAURAMA*, sobre os problemas ocorridos em relação à organização do festival, mas os considera aceitáveis já que todo o evento estava nas mãos apenas de duas pessoas; Juarez Oliveira e Walter Matos.

As pequenas falhas ocorridas são perdoáveis, visto ser inédita essa promoção em Ilhéus e dado ao volume do trabalho entregue a apenas duas pessoas, que desenvolveram e ainda desenvolvem grande atividade para assegurar o êxito do festival que já desponta. A chamada ‘música de protesto’ predominou e foi aceita de modo entusiástico pelo público não faltando o tema romântico e o regionalístico.¹³

A predominância da “música de protesto” nesse primeiro momento do festival é posta como algo que entusiasmou o público, além de ter havido também músicas que envolviam temas românticos e regionais. Uma dessas canções consideradas como “música de protesto” é *Canto da Juventude Brasileira aos Jovens de Todo Mundo* que foi apresentada pelo jornal, nessa edição de 10 de dezembro, erroneamente, com o nome *Hino da Juventude Brasileira*. Essa música de autoria de Romário Santos e Renato Santos, integrantes do grupo musical *Os Metralhas*, traz em sua letra a idéia que para se superar o problema mundial da guerra, deve-se primar pela irmandade e pelo amor. Essa música tem como temática a Guerra do Vietnã.

Entre os homens só há rivalidade
Não querem ter um pouco de paz
No mundo em que hoje se vive
Só se fala de guerra e nada mais

O homem para ser universal
Precisa pensar na irmandade e na paz
Branços, negros, cor não importa
Pois somos todos iguais

Canhões, granadas e metralhas
Destroem nossas casas, as nossas cidades
Crianças, jovens e velhos
Soluçam nas ruas sem pão e sem lar

Amor, flores e harmonia
Devem ser as armas de combate
Aos inimigos da paz universal

Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós
Juntos todos podemos lutar por um ideal
Sem derramar nosso sangue e gritarmos alto por igual
Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós¹⁴

¹² *Diário da Tarde*, 10/12/1968. p. 4.CEDOC.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ Letra da canção *Canto de Juventude* presente no disco *I Festival Regional da Canção*. Estúdios JS.

Romário Santos e Renato Santos estiveram entre os vencedores do festival, conseguindo o 4º lugar. Embora apareça no disco que a música era de autoria tanto de Renato quanto de Romário, foi Romário que a criou. Mas a música produzida trouxe problemas para seu autor que ficou durante 2 horas e meia sendo interrogado pelo delegado da polícia federal para provar que a música feita por ele não possuía nenhuma conotação política e nem fazia crítica ao regime militar.¹⁵

Waldeny Andrade também aponta, em sua coluna, a importância da participação do público na segunda etapa do festival, pois seria a partir da aceitação dele que se possibilitaria a repetição desse festival no ano seguinte.

No próximo sábado teremos a apresentação de mais 15 músicas classificadas que, reunidas às 15 de sábado passado, darão júri a oportunidade de selecionar as 12 finalistas. A presença do público é que deve ser maior, pois do seu incentivo dependerá a repetição desse festival no próximo ano cujo resultado positivo é a revelação de autênticos valores que tem passado despercebidos.¹⁶

No sábado, dia 14 de dezembro, saiu na primeira página do *Diário da Tarde*, a notícia sobre o decreto do *Ato Institucional número 5*. “O Ministro da Justiça ocupou os microfones de uma cadeia de rádio e televisão, anunciando a decisão do Governo em editar novo Ato Institucional”¹⁷, isso no dia anterior às 23:00h. É nesse mesmo sábado de publicação dessa notícia que ocorre a segunda parte do festival da canção.

Segundo Carlos Fico, a ascensão de Costa e Silva à Presidência da República e o decreto do Ato Institucional nº 5, marcaram a vitória indiscutível da chamada “linha dura” dos militares que, dentre outras medidas tomadas, “instrumentou a censura de diversões públicas para coibir aspectos políticos do teatro, cinema e TV”.¹⁸ Verifica-se, a partir desse momento, que o regime militar ganha uma ação mais efetiva contra artistas que buscavam desenvolver uma crítica à política desenvolvida pelos militares; mas se deve pontuar que essa ação também atingiu autores e intérpretes, que em suas canções teciam críticas sociais ou iam de encontro à moral e aos bons costumes preconizados. O episódio ocorrido com Romário Santos durante o festival da canção exemplifica a ação dos militares através dos órgãos de repressão em restringir a crítica política ao regime em Ilhéus.

Na terça-feira, dia 17 de dezembro, o *Diário da Tarde* continua a noticiar os acontecimentos do Festival e comenta a grande participação do público que compareceu em

¹⁵ ARAGÃO, Mayllin; DIAS, Polyana. **Ilhéus na era dos festivais**. Ilhéus: UESC, 2006. 1 DVD.

¹⁶ *Diário da Tarde*, 10/12/1968, p. 4.CEDOC.

¹⁷ *Ibid.* 14/12/1968, p. 1. CEDOC.

¹⁸ FICO, Carlos. “‘Prezada Censura’: cartas ao regime militar”. **Topoi**. Revista de História. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, n. 5, p. 251-286. set. 2002. p.10.

maior número em relação à primeira etapa, contribuindo ainda mais para o “brilhantismo” do evento, segundo o colunista. Porém, este colunista, que assina simplesmente “C”, classificou as canções apresentadas como mais fracas em qualidade do que em relação às canções do sábado anterior.

Sinceramente achamos mais fraca a qualidade das canções apresentadas, em relação as composições que ouvimos, quando da realização da primeira parte no dia 7 p. passado. [...] Todavia, desceu deveras, o nível das canções apresentadas. Não queremos dizer, com isso, que não foi apresentado nada de bom, absolutamente. Mas, se destacamos três ou quatro músicas, como ‘O Pensador’, excelente, por exemplo, grande parte das demais, no entanto, no passou de composições comuns e sem nenhuma novidade, no ponto de vista global: –letra – música e apresentação.¹⁹

O colunista relaciona as músicas que foram classificadas para a final e comenta a mudança do corpo de jurados para essa última fase do evento, aplaudindo com bastante entusiasmo tal iniciativa.

As músicas classificadas foram as seguintes: - O Seresteiro – O Pensador – A Estrada – Canto da Juventude Brasileira – Aos Jovens de Todo Mundo – Minhas Praias – Oferta de Amor – O Barco – Canção do Amanhã – Canção para quem tem Amor – Eu Preciso Cantar – Rancho do Sonho – Decisão.
[...] Fomos informados de que o corpo de juizes, para o próximo domingo, será modificado, a fim de que a decisão final, não sofra nenhuma ligação como a ultima classificação. Aplaudimos, com entusiasmo, essa notícia, tanto mais que, segundo nos foi adiantado, é pensamento da direção de certame, convidar nomes como: Carlos Coqueijo, de Salvador, Plínio de Almeida de Itabuna, e de Ilhéus, Lourdes Abreu, Alberto Hoisel, Lucia Góis e tantos outros, com o objetivo de enriquecer e aprimorar a qualidade do critério e julgamento final do Festival. – C.²⁰

No sábado, dia 21 de dezembro, Waldeny Andrade destaca o festival como um dos maiores acontecimentos artísticos e culturais já realizados em Ilhéus, e convida todo o público para o desfecho desse evento no domingo, dia 22, às 20:30h. O assunto festival, segundo o colunista, passou a ser um dos mais comentados na cidade e o nível das canções e a revelação de novos valores musicais “era incontestável”²¹. Naquele momento só se esperava a etapa final que indicaria os vencedores, os quais receberiam um prêmio de 2 mil cruzeiros novos, em nome da Secretaria de Educação e Cultura do Município.²²

A etapa final do festival ocorreu no domingo e das 12 finalistas são escolhidas as cinco canções vencedoras: 1º lugar, *Rancho do Sonho*; 2º lugar, *Estrada*; 3º lugar: *O Pensador*, 4º lugar: *Canto da Juventude*, e 5º lugar, *O Seresteiro*.

As canções vencedoras foram gravadas em LP – *long play* – pelos Estúdios JS na cidade de Salvador. Além das 05 vencedoras, foram escolhidas mais 06 canções para compor

¹⁹ *Diário da Tarde*. 17/12/1968, p. 4. CEDOC.

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Ibid.* 21/12/1968. p. 4. CEDOC.

²² *Ibid.*

o disco. O patrocinador dessa iniciativa foi o gerente do Banco da Amazônia de Ilhéus, Aristóteles Beleza de Mello que recebeu uma homenagem no verso da capa desse disco. O patrocínio desse empreendimento concretizou-se assim apenas pela iniciativa privada, já que a premiação que seria feita pela prefeitura não se efetivou, devido a questões políticas relacionadas à mudança de prefeito.

As 11 canções escolhidas para compor o disco do Festival foram: *Rancho do Sonho* e *Canção do Amanhã* de Vandique Ferreira, cantadas por Gilberto Senna; *Estrada* de Mauro Machado, Vandique Ferreira e José Machado, cantada por Cresús Póvoas; *O Pensador* de Vandique Ferreira, cantada por Eduardo Aragão; *Canto de Juventude* de Romário Santos e Renato Santos, interpretada pelos próprios integrantes do grupo musical *Os Metralhas*; *O Seresteiro* de Vandique Ferreira, interpretada pelo próprio autor; *Canção para quem tem Amor* e *Minhas Praias* de Anésio Ribeiro, na voz de Odraude Silva; *Oferta de Amor* de Denise Menezes, na voz de Gilberto Senna; *Decisão* de Izaías Silva e Hamilton Couto, cantada por Jocelino Leal; e *É Preciso Cantar* de Francisca Lima, cantada por Gilberto Senna.



Frente e verso da capa do disco do *1º Festival Regional da Canção*.

Alguns dos compositores e intérpretes do festival tiveram uma participação maior do que outros, e dentre eles podemos destacar: Vandique Ferreira que teve 04 composições gravadas no disco, além de mais uma em parceria com mais dois autores, e, Gilberto Senna que interpretou 04 canções de três autores diferentes. Embora poucas cópias do disco tenham sido feitas, ele foi bem divulgado na região através das rádios locais; e alguns dos cantores continuaram despontando na carreira musical.

Apesar do *Festival Regional da Canção* ter sido traspassado pelo decreto do AI-5, a mobilização da juventude ilheense foi representativa durante esse evento, pois esses jovens puderam divulgar suas idéias em relação ao ambiente sócio-político onde estavam inseridos. Verifica-se que a história da atuação da música popular na cidade de Ilhéus como elemento de crítica ao sistema, foi algo pouco trabalhado pela historiografia regional. Daí a importância do desenvolvimento das investigações para que possamos compreender cada vez melhor esse período conturbado da história do nosso país que foi a ditadura militar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAROCHA, Maika Lois. “A censura musical durante o regime militar (1964-1985)”. **História: Questões & Debates**. Curitiba, n. 44, p. 189-211, 2006. Editora UFPR.

DIAS, Polyana da Rocha. **Ilhéus na era dos festivais**: reflexões acerca da indústria fonográfica e da música local. Ilhéus, 2005. Monografia (Graduação) - Universidade Estadual de Santa Cruz. Colegiado de Comunicação Social em Habilitação em Rádio e TV.

FICO, Carlos. “‘Prezada Censura’: cartas ao regime militar”. **Topoi**. Revista de História. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, n. 5, p. 251-286. set. 2002.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música**: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. “Os Festivais da Canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968)”. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (orgs.) **O Golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)**. Bauru-SP, EDUSC, 2004. p. 203-216.